

GUERREIRAS, LÉSBICAS E AMAZONAS: *a recepção da antiguidade na série "Xena: a Princesa Guerreira"*

LARISSA FERNANDES NOGUEIRA¹

Graduanda em História (LHIA/UFRJ)

larissafhistoria@gmail.com

Orientador: Fábio de Souza Lessa (LHIA/UFRJ)

RESUMO

A Antiguidade é um período que desperta curiosidade em muitas pessoas, principalmente com seus mitos gregos. Por isso, muitas produções audiovisuais se aproveitam de tal curiosidade para incorporar elementos de tal periodização em suas obras, sendo que é comum observarmos séries, filmes e livros que se apropriam da Antiguidade, reinterpretando-as conforme seus interesses e demandas de seu tempo. Esse fenômeno não passou despercebido entre os estudiosos, que criaram um campo de estudos para analisar esses eventos: a teoria da recepção. Este campo se propõe a estudar como aconteceu a recepção de tal acontecimento, seja a recepção na série ou pelo público da obra. Nesse sentido, uma dessas produções foi "Xena: A Princesa Guerreira", série de grande sucesso dos anos 90, que retratava uma guerreira grega, Xena, e suas aventuras. É possível notar vários mitos gregos na série, como as Amazonas, além da sexualidade, explorada de uma forma que o relacionamento entre as personagens principais, Xena e Gabrielle, era considerado romântico. Logo, o presente artigo possui como objetivo analisar a série, à luz da teoria da recepção, focando na recepção do público, seguindo a tese da audiência ativa de John Fiske, mostrando como a antiguidade foi tratada e recebida pela audiência, principalmente com os mitos de mulheres guerreiras, as amazonas, e sobre a sexualidade das mulheres gregas.

PALAVRAS-CHAVE

Amazonas; Grécia antiga; sexualidade; recepção; Xena: a princesa guerreira.

¹ Bolsista PIBIC-CNPQ entre agosto de 2020 e julho de 2022, sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa, com temática de pesquisa envolvendo Afrodite e Safo.

ABSTRACT

Ancient History arouses curiosity in many people, especially with the Greek myths. Therefore, many audiovisual productions try to incorporate elements of such period of time, making it common to find films and books that reinterpret Antiquity according to the context of their own time. This phenomenon did not go unnoticed among scholars, who created a field of study to analyze these events: reception theory. This field proposes to study how the reception of such an event happened, whether, in this case, the reception of ancient events by the TV show itself or by its audience. In this sense, "Xena: The Warrior Princess", a highly successful series of the 90s, portrayed a Greek warrior, Xena, and her adventures. It is possible to notice several Greek myths in the TV show, such as the Amazons; in addition, sexuality is explored in a way that makes it possible for the relationship between the main characters, Xena and Gabrielle, to be considered romantic. Therefore, this article aims to analyze the series, in the light of reception theory, focusing on the reception of the public, following John Fiske's thesis about active audience and showing how Ancient History was received by the audience, especially considering the myths of women warriors, the Amazons, and the sexuality of Greek women.

KEYWORDS

Amazons; Ancient Greece; sexuality; reception; Xena: the warrior princess.

1.A TEORIA DA RECEPÇÃO E A SÉRIE "XENA: A Princesa Guerreira"

As representações da Antiguidade em produções audiovisuais estão por todos os lugares, desde o começo da indústria de filmes e séries, e, sendo o filme sempre culturalmente ativado, ou seja, produto de certo pensamento da época, é importante analisá-los para entendermos não sobre a Antiguidade, mas sim o momento que a produção foi realizada. Nesse sentido, a produção audiovisual é uma sucessão de imagens construídas e elas valem por aquilo que testemunham (FERRO, 1995, p. 203), e isso também é História. O espectador desse produto, historicamente situado, molda e é moldado pela experiência audiovisual (GOMES, 2005, p. 1142).

Esse mesmo pensamento também pode ser utilizado para séries, pois elas também são produtos audiovisuais, situadas e moldadas pelo tempo que se localizam. E, no meio das produções de séries que abordam a Antiguidade, há a série ne-

ozelandesa “Xena: A Princesa Guerreira”², de 1995, *spin-off*³ da série “Hércules: A Lendária Jornada”. A série retrata a história de Xena, interpretada por Lucy Lawless, uma guerreira que cresceu em uma pequena cidade chamada Anfípolis, vilarejo grego que sofreu um ataque quando a mulher era jovem. Então, Xena formou um pequeno exército para defender seu vilarejo e obteve êxito. Para prevenir a cidade de ser atacada novamente, ela começa a atacar e conquistar os vilarejos em volta, e depois passa a conquistar cidades e países e, por isso, ela ganha o título de “destruidora de nações”. Entretanto, depois de encontrar Hércules, Xena se redime e decide deixar esse estilo de vida para trás – isso acontece na série Hércules. Já em seu próprio spin off, Xena é apresentada recomeçando sua vida. Ela ainda luta, contudo, é para uma “boa causa”, apesar de seu lado sombrio se sobressair às vezes, pois Xena é uma “flawed hero”, ou seja, ela é uma heroína, mas ainda é humana: a guerreira possui defeitos e luta para seguir no caminho certo. Junto com Xena, há sempre sua fiel escudeira e companheira, Gabrielle – interpretada por Rene O’Connor.

A produção XWP – abreviação de “Xena: A Princesa Guerreira”, em inglês – obteve um enorme sucesso principalmente com o público feminino e de lésbicas, e, até hoje, é lembrada pelos seus fãs: existe, por exemplo, um evento chamado Xena Convention, no qual fãs da série se reúnem em Pasadena ou Londres, anualmente, para celebrar a série e as atrizes que interpretam Xena e Gabrielle geralmente costumam comparecer e conversar com os fãs. Tal sucesso pode ser explicado pelo fato de que, na época, Xena era um dos poucos programas na TV que tinha uma heroína como figura central no enredo (SPRIENGS, 2007, p. 44), além de ter sido uma das primeiras séries em que as duas personagens principais são mulheres fortes e independentes. Outro fator importante foi a relação entre Xena e Gabrielle, visto que muitos fãs consideravam que as duas eram um casal – e esse teor romântico ficou mais explícito nas últimas temporadas. A série foi uma das produções da década de 1990 que mais abriu caminho para que esse tema pudesse ser abordado nas décadas seguintes (LAHNI; AUAD, 2018 p.101) e, por isso, Xena é considerada um símbolo lésbico e a maior parte de suas fãs são da comunidade LGBTQIA+.

Xena pode ser associada à Antiguidade, pois, de acordo com a própria série, a personagem é de uma pequena *pólis*. Várias personalidades gregas são incorporadas pela série, como Homero, Eurípides, Ares, Callisto, Afrodite e diversos mitos também foram representados, como o mito de Prometeu. Contudo, podemos observar elementos de várias outras localidades, como o episódio no qual Xena luta com Júlio

2 Xena: A Princesa Guerreira é uma série de TV exibida de 1995 até 2001. Contém seis temporadas, cada uma possuindo cerca de vinte e quatro episódios, e criada pelos diretores e produtores Robert Tapert e John Schullia. A série foi produzida pela Pacific Renaissance Pictures LTDA em parceria com a Universal Studios e foi distribuída pela MCA e internacionalmente pela MCA International. No Brasil, sua exibição se deu na Rede Record e no SBT.

3 *Spin-off* é quando uma série é criada a partir de uma já existente – sendo esta geralmente uma série de grande sucesso. No caso de Xena, ela deveria aparecer em somente três episódios da série Hércules: A Lendária Jornada e depois morrer; porém, fez tanto sucesso que os produtores decidiram por não matar a heroína e fazer uma série da guerreira.

Cesar e encontra Boudica e na ida de Xena ao Egito, além de eventos que fogem da realidade histórica, como quando a guerreira mata quase todos os deuses do Olimpo. Sendo assim, Xena é uma mistura de vários elementos da Antiguidade, que se adequam de acordo com a necessidade do enredo. Assim, Sara G. Jones entende que:

XWP habitually plays fast and loose with history, plundering the canon and interweaving revamped historical events and figures with others borrowed from mythology, literature, and twentieth-century popular culture. (JONES, 2015, p. 404)

Ademais, em nossa análise, usaremos a tese da audiência ativa, de John Fiske. John afirma que a audiência de massa é muito heterogênea e realiza variadas interpretações, estas que são individuais sobre e não são pré-determinadas, pois emergem de um histórico social complexo, de informações alternativas fornecidas pelas diferentes culturas e dos pontos de vista de oposição de redes sociais informais (FISKE, 1991). Assim, no caso de "Xena: a princesa guerreira", temos uma audiência de final dos anos 90 que, recebendo a influência dos movimentos feministas e LGBTQIA+ da época, interpreta a série de acordo com suas realidades. Além disso, a televisão, a fim de apelar à pluralidade heterogênea das audiências, emprega narrativas muito mais abertas que em outros segmentos e, por isso, a série abarca algumas problemáticas que eram consideradas como tabu, como a questão da sexualidade.

Dito isto, o objetivo desse artigo é analisar "Xena: A Princesa Guerreira" a partir de duas frentes recebidas pelo público: a questão feminina-guerreira e a da sexualidade, comparando-a com a Antiguidade, período no qual a série supostamente está inserida. As amazonas também serão citadas, uma vez que podemos constatar uma influência nesse mito, retratado por Heródoto, na construção da personagem de Xena, além das mesmas aparecerem na série e interagem com Xena e Gabrielle – Gabrielle vai até mesmo se tornar a rainha delas. Nesse sentido, as principais indagações quanto a esse objeto são: como a Antiguidade foi recepcionada pelo público? Como era a sexualidade na Antiguidade e qual é seu uso na série? Como o contexto do final do século XX e começo do século XXI influenciaram na construção da série? Qual foi sua recepção para os grupos de mulheres e lésbicas?

2. A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE EM "XENA: A Princesa Guerreira"

2.1. A questão feminina-guerreira

Como já foi citado, Xena é inspirada no mito das Amazonas. Todavia, para entender o porquê de ela ter sido inspirada nesse mito, é preciso explicá-lo. Primeiramente, é importante compreender que, na Grécia Antiga, os mitos de deuses e

heróis eram considerados fontes de instrução para o cidadão grego (OLIVEIRA, 2016, p. 25); logo, os mitos eram usados para educar os gregos. Nesse sentido, o mito das Amazonas surge para se opor ao arquétipo feminino na Grécia, pois elas eram guerreiras, não se casavam, tinham como líder uma rainha e controlavam a sua reprodução – algo praticamente impensável para uma mulher ateniense da Grécia Antiga, que seguia o modelo *Mélissa*⁴. Sendo assim, é um mito que explica a polarização na sociedade grega – homens x mulheres (TYRREL, *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 26) – e que vai “ensinar” como uma mulher não deve se portar.

Esse mito foi perpetuado ao longo do tempo, ao passo que as Amazonas constituem provavelmente o mais conhecido arquétipo das mulheres guerreiras (CARREIRAS, 1997, p.12), seguindo presentes no imaginário das multidões como essas deusas do combate (FAJARDO, 2015, p.11). Esse arquétipo influenciou Xena, porque ela é uma mulher guerreira, que não é casada e é independente – como uma amazona deve ser. Entretanto, essa semelhança é devida, principalmente, ao contexto de criação da série. XWP é lançada em meados dos anos 90, momento da terceira onda do feminismo, e as mulheres ganham cada vez mais força no espaço político. Conforme avalia a historiadora Joan Scott,

Os últimos 90 anos presenciaram uma verdadeira reviravolta na situação das mulheres em diferentes campos da vida humana: acelerou-se sua integração ao mercado de trabalho; sua agenda de direitos foi reconhecida pelos organismos internacionais e por inúmeros governos; estudos sobre sua especificidade foram absorvidos pelo debate científico em incontáveis espaços acadêmicos (SCOTT, 1989, p. 11).

Por isso, era importante desenvolver uma série com uma protagonista mulher forte e nada melhor do que beber da fonte do mito das Amazonas para isso. Uma prova desse contexto é vista em um episódio da segunda temporada, no qual há um concurso de beleza na cidade de Xena, e ela é chamada para participar para impedir um assassinato. Mesmo frequentando o concurso, a guerreira é altamente contra concursos de beleza, e há uma cena na qual Xena e Gabrielle dialogam com o criador desse concurso, Salmoneus:

Xena: “Beauty contest? You sent urgente word for us to come and see some underdressed, over-depelled bimbos in a beauty contest.”

Salmoneus: “Pageant. It’s called a pageant”.

Gabrielle: “Contest, pageant. It’s a feeble excuse for men to exploit and degrade women.”⁵

4 Conceito abordado adiante neste artigo.

5 Xena: “Concurso de beleza? Você nos procura urgentemente para nós chegarmos e vermos meninas quase sem roupa, em um concurso de beleza.”

Salmoneus: “Concurso de Miss. Se chama assim”.

Gabrielle: “Concurso de beleza, concurso de miss. É uma mera desculpa para homens explorarem e

(episódio 2.11 – “Here she comes... Miss Amphipolis”, 02’47”)

Essa fala certamente seria difícil de ocorrer na Antiguidade Grega, ainda mais em Atenas, pois, além de não ter concursos de beleza, as mulheres não podiam vocalizar as opressões que sofriam e precisavam permanecer quietas, no interior de suas *oîkos*. Contudo, em um mundo no final do século XX, isso é possível e Xena, ao mesmo tempo que representa um pouco das Amazonas, também retrata a mulher contemporânea, fruto da Modernidade.

Na Antiguidade Grega, as mulheres necessitavam seguir o Modelo *Mélissa*. De acordo com esse modelo, as mulheres deveriam exercer as atividades domésticas, serem submissas ao homem, fazerem silêncio, serem frágeis, produzirem filhos legítimos e se dedicarem a fiação e a tecelagem, além de permanecerem reclusa no interior de suas casas (LESSA, 2004). Ou seja, a mulher teria que ser confinada ao seu espaço privado, sem nenhum direito político e chance de fazer algo importante. Nesse sentido, não havia mulheres guerreiras como Xena. A série, se fosse habituada realmente na Antiguidade, sobretudo em Atenas, teria Xena como uma mulher submissa, recatada e do lar – totalmente diferente da heroína que conhecemos. O tipo de mulher grega que mais se aproxima de Xena são as mulheres de Esparta, pois elas se dedicavam ao corpo e eram autorizadas a praticar esportes. Contudo, era uma dedicação voltada a procriação: se elas possuísem corpos fortes, não morreriam no parto e gerariam bons descendentes. Xena não cuida de seu corpo para ter filhos; ela o faz para ser uma boa guerreira. A heroína, ao longo da série, até irá dar luz à filhos, mas isso se deu pois Lucy Lawless, a atriz, ficou grávida durante as gravações e não porque já estava previsto para a personagem. Foi uma adaptação que a produção necessitou realizar, uma eventualidade.

As amazonas da série vivem em uma tribo só de mulheres, assim como as do mito, e elas guerreiam contra os centauros. Nessa guerra, Gabrielle, parceira de Xena, se envolve e acaba se tornando uma delas. Após a morte de amazonas importantes, Gabrielle é coroada a rainha das Amazonas, contudo ela larga a tribo para viver com Xena depois. Essas jovens guerreiras se tornam presentes em vários episódios e são a representação simbólica e literal da igualdade de gênero em XWP (SPIERINGS, 2007, p. 88). Entretanto, as Amazonas da série possuem diferenças com as Amazonas do mito, no sentido que

Unlike their mythological or Iron Age counterparts, XWP’S Amazons live, hunt, and fight in the forest. They are not nomadic; they inhabit a village and a territory. However, they do constitute an all-female society, they are fierce and independent warriors, and they give at least as good as they get in battle. (REED *apud* JONES, 2015, p. 411)

Com isso, pode-se afirmar que a série, mais uma vez, se apropria de elementos da mitologia grega para sua narrativa, no sentido que não os retrata fielmente, e sim

degradarem mulheres". (tradução da autora)

da maneira que os produtores pensam que será interessante para o enredo. Nesse sentido, há uma fala interessante de Terreis, uma amazona, que representa o final dos anos 90, nos Estados Unidos, inserido na série: “It’s a man world Gabrielle. Not because it should be, but because we let them have it”⁶ (episódio 1.10 – “Hooves and Harlots”, 02’20). Dessa forma, as guerreiras amazônicas são evocadas na produção para atrair a atenção do público feminino, pois tanto mulheres héteros quanto lésbicas apreciam o jeito heroico das Amazonas (REED, 2015, p. 411).

Contudo, por mais que Xena tenha sido criada durante um contexto feminista, ela ainda é retratada de forma diferente dos típicos heróis masculinos. A heroína pode ser localizada dentro dessa tradição das aventuras de heróis, porém seu gênero é centralizado no momento em que seu corpo é focado (SPIERINGS, 2007, p. 47). A vestimenta típica da guerreira é um pedaço de couro minúsculo, no qual o decote é grande e a saia é de tamanho igualmente pequeno – uma roupa que não parece ser muito agradável para lutar – além de, em alguns episódios, a personagem aparecer com a barriga à mostra. Ou seja: Xena é sexualizada, diferente dos heróis masculinos – é raro encontrar um herói que lute como uma roupa tão pequena quanto a de Xena. O mesmo também acontece com Gabrielle, a companheira de Xena, e com as amazonas. Gabrielle possui uma evolução na série, e suas indumentárias acompanham isso ao passo que, cada vez que a personagem se torna mais forte, suas roupas vão diminuindo. Quanto às Amazonas, elas são retratadas com roupas igualmente pequenas e decotes salientes.



Fonte: <http://xenaguerreiraimortal.blogspot.com/>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

6 “É o mundo dos homens, Gabrielle. Não porque deveria ser, mas porque nós deixamos que seja” (tradução da autora).

Nas imagens acima, todas as mulheres guerreiras aparecem com roupas curtas, como saias e blusas *cropped*. Com isso, a série nos mostra que, mesmo as mulheres sendo frequentemente fortes e independentes, elas só podem ser assim se elas são retratadas como objetos sexuais (SPIERINGS, 2007, p. 89). Dessa forma, Lucy Lawless, em uma entrevista para *Smithsonian Magazine*⁷, disse que a roupa de Xena a apertava tanto que ela sentia como “se estivesse tendo um ataque de pânico, porém tornou-se uma segunda pele depois de um tempo” – e isso com certeza não aconteceria se Lucy e sua personagem fossem homens. A sexualização para heroínas femininas é quase como uma regra no mundo da televisão, e isso perdura até os dias de hoje, no século XXI. Em “Mulher Maravilha” (2017)⁸, a heroína também veste roupas minúsculas, assim como em “Mulher-Gato” (2004)⁹. Porém, hoje, com o movimento feminista se expandindo, o público está mais atento a essa questão, de forma que muitas fãs se revoltam e pedem pelo fim da sexualização das heroínas.

2.2. A questão da sexualidade em Xena

Em Xena, assim como na Antiguidade, a sexualidade é vista de forma natural. As pessoas na série não utilizam termos como hétero, bissexual ou lésbica; as relações amorosas simplesmente acontecem. Sobre sexualidade na Antiguidade, um indivíduo não possuía sexualidade, ele exercia algumas práticas (LEITE, 2013, p. 229), sendo que não havia problema um homem se relacionar com outro – isso inclusive fazia parte da *paidéia*, sob a forma da pederastia¹⁰ – desde que ele não fosse o passivo da relação. Comparando o caso das relações entre homens, não há muita documentação sobre relacionamentos entre mulheres, porém há os escritos da poetisa Safo de Lesbos. Ela, em sua poesia, faz menções românticas a mulheres¹¹, e a poeta se notabilizou porque seus escritos não foram apenas cantados, ensinados e citados, mas acabaram se tornando em alguns casos, verdadeiros ditados que entraram para a língua grega e foram tão usados que se tornaram clichês (MATA, 2009, p. 6). Logo, podemos observar que a homossexualidade feminina provavelmente era uma prática existente entre algumas mulheres, mesmo que haja uma escassez de fontes sobre isso.

Já em XWP, a relação amorosa de Xena e Gabrielle foi construída aos poucos.

7 Smithsonian é o jornal oficial publicado pela Smithsonian Institution em Washington, DC. A primeira edição foi publicada em 1970.

8 Mulher-Maravilha, filme de 2017, estrelado por Gal Gadot e dirigido por Patty Jenkins. É interessante notar que, mesmo com uma diretora mulher, Mulher-Maravilha ainda é sexualizada.

9 Mulher-Gato, filme de 2004, com Halle Berry no papel principal e dirigido por Pitof.

10 A pederastia era uma relação amorosa e sexual entre dois homens de idades diferentes, em que o mais velho tinha como função ensinar o mais novo. O homem adulto, dos 20 a 30 anos, era denominado “erastês” (o amante) e o jovem, entre 12 e 18, era chamado de “eromeno” (amado). A pederastia estava ligada diretamente à *Paidéia*, ideal de educação do jovem para o exercício de suas funções na *pólis*.

11 Sabemos das polêmicas quanto a esse tema, porém, nesse artigo, não iremos nos aprofundar.

No começo da série, nas primeiras temporadas o relacionamento das duas tinha uma conotação mais de amizade – apesar de já ter cenas ambíguas, como os banhos juntas e os excessivos abraços e toques das duas. Entretanto, ao passar do tempo, mulheres, principalmente lésbicas, se tornaram as principais espectadoras do programa e as interações românticas entre o casal cresceram. Isso se deu porque Xena foi lançado em 1995, mesma época em que a internet ganhava força pelo mundo, e muitos fãs se reuniam para falar da série em fóruns, de modo que, até hoje, a principal comunidade de fãs de Xena é na internet. A comunidade LGBTQIA+ se viu representada pela série e correu para os fóruns sobre XWP, tornando-se “Xenites” – como os fãs de Xena se intitulavam – e debatendo sobre os subcontextos¹² que haviam na série. Além disso, as fãs também criavam histórias alternativas na internet¹³ com o casal Xena e Gabrielle, nas quais o relacionamento das duas era assumido.

A homossexualidade, na época da série, estava começando a ser mais aceita. A exclusão da homossexualidade como doença pela Organização Mundial da Saúde ocorreu em 1990¹⁴, alguns anos antes do seriado, e o debate no fim da década de 90 pela legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo entrou na pauta de vários países, sendo os Países Baixos, em 2001, o primeiro país a permitir o casamento de pessoas do mesmo sexo. Entretanto, os produtores não poderiam mostrar um casal lésbico na TV de forma explícita e o subcontexto foi a forma na qual os produtores encontraram para desenvolver o relacionamento de Xena e Gabrielle. Inclusive, o estúdio não permitiu que colocassem Xena e Gabrielle na abertura, justamente por já estarem preocupados com uma “relação lésbica”, como contou Robert Tapert, o produtor da série, em uma entrevista à *Entertainment Weekly*¹⁵. Também é de suma importância mencionar a participação dos Xenites para esse subcontexto, uma vez que fãs se tornam participantes ativos na construção e divulgação dos significados das cenas (JENKINS *apud* COLLIER; LUMADUE; WOOTEN, 2009, p. 580). Logo, eles poderiam interpretar um simples olhar de Gabrielle para Xena como algo romântico, dependendo da cena, mesmo Xena e Gabrielle já tendo se envolvido com homens no decorrer do programa. Nesse ponto, é importante destacar que o discurso heteronormativo era contrastado com um subcontexto lésbico cada vez mais alimentado pelos produtores.

Durante a segunda parte da série, esse subcontexto foi expandido ainda mais, e o relacionamento romântico entre as duas ficava cada vez mais forte. Na terceira temporada, temos um exemplo desse subcontexto, pois há a primeira vez que Ga-

12 Por subcontextos entende-se os trechos da série que continham algumas menções implícitas sobre o relacionamento entre Xena e Gabrielle.

13 Essas histórias são as chamadas *fanfics* ou *fanfictions*. Elas podem ser baseadas em diversos personagens e enredos que pertencem aos produtos midiáticos, como filmes, séries, HQ, animes, grupos musicais, celebridades e etc. Para saber mais, conferir SPRIENGES, H.C.J.M (2007). *Rewriting Xena: Warrior Princess: Resistance to representations of gender, ethnicity, class and sexuality in fanfiction*. Utrecht University, Faculty of Arts: English language and culture.

14 Depois ratificada em 1992.

15 Uma revista publicada semanalmente, fundada em 1990 nos Estados Unidos. Seus assuntos são, no geral, sobre filmes, televisão, música, produções da Broadway, livros e cultura popular.

brielle diz “eu te amo” para Xena, em uma cena marcante:

Xena: “How many more times’re you gonna follow me into battle, huh? How many more times am I gonna hurt you? You are the most dear thing to me in all the world. And yet, instead of protecting you..”

Gabrielle: “I’m here, because I want to be here. I love you, Xena.”

Xena: “I love you too, Gabrielle.”¹⁶

(episódio 3.16 – “When in Rome...”, 42’29”)

Principalmente em produções audiovisuais, o primeiro “eu te amo” de um casal é marcante e, em XWP, tal trecho foi relevante. A cena não é algo que, normalmente, em séries ou filmes, duas amigas fariam uma para outra, e as Xenites, na época, captaram esse subcontexto. Na quarta temporada, há outro exemplo:

Xena: “Even in death, Gabrielle, I will never leave you. You are the best thing that has ever happened to me. You gave my life meaning and joy. You will be a part of me forever.”¹⁷

(episódio 4.01 – “Adventures in the Sin trade”, 15’49”)

Também é interessante notar que, à medida que esse subcontexto foi alimentado, a audiência de Xena diminuiu, tornando-se uma série com público majoritariamente LGBTQIA+. As duas emissoras brasileiras que exibiam Xena, SBT e Record, nunca mostravam as cenas ambíguas do casal, censurando o seriado. Por isso, alguns espectadores que assistiam pela TV aberta afirmavam que elas eram só amigas, ainda mais por conta da relação de Xena com Ares. O relacionamento de Ares e Xena também foi desenvolvido – até porque os produtores gostavam dessa relação, como foi revelado em uma entrevista à *Entertainment Weekly*¹⁸ –, porém torna-se muito mais explícito que as amigas, na verdade, eram um casal.

A sexta e última temporada de XWP é o auge do relacionamento amoroso entre Xena e Gabrielle, pois é visível o amor entre as duas. No episódio 13 (“You Are There”), há um repórter, viajante do futuro, que pergunta para Xena e Gabrielle se elas são amantes – “lovers” –, mas, na hora que elas vão responder, a cena é cortada. Já no episódio 19, Xena recita um poema da famosa poetisa já citada anteriormente, Safo de Lesbos, apropriada pelo movimento lésbico como uma poeta lésbica, o que alimentou o subcontexto:

16 Xena: “Quantas vezes mais você irá me seguir para a batalha? Mais quantas vezes eu vou te machucar? Você é a coisa mais preciosa no mundo para mim. E, em vez de te proteger...”

Gabrielle: “Eu estou aqui porque quero estar aqui. Eu te amo, Xena.”

Xena: “Eu te amo também, Gabrielle.” (tradução da autora).

17 Xena: “Mesmo na morte, Gabrielle, eu nunca vou te deixar. Você é melhor coisa que me ocorreu. Você dá sentido para minha vida e me dá alegria. Você sempre vai ser uma parte de mim.” (tradução da autora).

18 Trechos dessa entrevista podem ser conferidos no site Observatório do Cinema, em uma matéria de 2016.

Xena: "Open it. I had Sappho got somethin' down for ya."

Gabrielle: "A poem? Sappho wrote a poem for me. I don't believe it. Xena-- you had this planned all along, didn't you?"

Xena: "There's a moment when I look at you / And no speech is left in me. / My tongue breaks. / Then fire races under my skin and I tremble. / And grow pale for I am dying of such love / Or so it seems to me".¹⁹
(episódio 6.19 – "Many Happy Returns", 42'15")

E, no penúltimo episódio de Xena (6.22 – "A Friend in Need"), finalmente há o mais importante beijo do casal, o que muitos fãs consideraram como a consumação da relação das duas – algo esperado há anos pelas Xenites.



Fonte: <http://xenaguerreiraimortal.blogspot.com/>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

3. CONCLUSÃO

"Na época dos deuses antigos... Opressores e reis... Uma terra sem lei clamava por uma heroína...

Xena... Uma poderosa princesa forjada no calor da batalha... A força... A paixão... O perigo...

A coragem dela mudará o mundo..." (abertura de Xena)

É certo afirmar que Xena impactou e marcou a vida de uma geração de mulheres durante os anos 90 e 2000. A série não é uma fiel representação da Antiguidade, porém contém alguns elementos desse período. Nessa época, não há muitas documentações para comprovar a existência de guerreiras mulheres, contudo, em um

¹⁹ Xena: "Abra. Safo tem uma coisa para você."

Gabrielle: "Um poema? Safo escreveu um poema para mim. Eu não acredito nisso, Xena. Você planejou isso esse tempo todo, não planejou?"

Xena: "Tem um momento quando eu olho pra você / E nenhuma palavra é deixada em mim. / Minha língua se silencia. / E então fogo corre pela minha pele e eu tremo. / E fico pálida porque estou morrendo de amor. / Ou é o que parece pra mim" (tradução feita pela autora).

programa de TV do final do século XX, após as ondas feministas, é possível resgatar algumas características do mito das Amazonas para criar uma princesa guerreira. E, como Xena mesma afirma:

“as I’m going to die, I’m going to die as I am, a warrior with a sword in her hand.”²⁰

(episódio 2.20 – “The Price”, 14’07”)

Mesmo sendo retratada de forma diferente dos típicos heróis, pode-se afirmar que Xena é uma guerreira. Essa diferença se dá no momento em que, durante todo o seriado, podemos ver a sexualização das guerreiras, com seus trajes pequenos e decotes salientes. De todo modo, ela não deixa de ser uma heroína, uma vez que luta e salva pessoas de um mal.

A sexualidade, na série, não é uma construção social, que originará um termo, um rótulo, como na Modernidade. Essa temática aparece de forma natural conforme a relação de Xena e Gabrielle é explorada. Com o passar das temporadas, fica cada vez mais evidente que as duas são um casal. Como a homossexualidade era um tabu nos Estados Unidos, – mais forte do que hoje –, os produtores da série se utilizaram do subcontexto, ou seja, exploraram o relacionamento das duas de forma implícita. O público, composto principalmente por mulheres lésbicas, entendeu muito bem esse subcontexto, sendo que afirmavam e ainda afirmam que Xena e Gabrielle eram namoradas.

O impacto da série foi enorme, principalmente para o público LGBTQIA+, o que confirma a tese da audiência ativa, uma vez que tal audiência interpretou tal produção audiovisual seguindo suas vivências. Também foi importante para a criação dos chamados *fandoms*²¹ e da recriação da identidade através da internet (MEISTER *apud* COLLIER; LUMADUE; WOOTEN, 2009, p. 587). Dessa maneira, as fãs se identificavam e sentiam-se representadas por uma guerreira lésbica – ou bissexual como alguns afirmam, já que Xena se relacionou com homens –, sendo que a série ajudou muitas jovens a se descobrirem como parte da comunidade LGBT. O sucesso foi tanto que, por volta de 2016, alguns rumores sobre um *remake*²² de Xena foram espalhados pela internet e, depois, confirmados pela rede NBC. Um roteiro foi criado por Javier Grillo-Marxuach²³, que abandonou a produção um pouco depois, citando “diferenças

20 “Se eu vou morrer, morrerei como eu sou, uma guerreira com a espada nas mãos.” (tradução feita pela autora).

21 Reino dos fãs, em inglês, é um termo utilizado para representar um grupo de pessoas que são fãs de determinada coisa em comum, como um programa de televisão, uma banda, artista, filme, livro etc.

22 *Remake* é uma refilmagem de alguma produção audiovisual, geralmente de uma que fez bastante sucesso no passado.

23 Roteirista conhecido por escrever episódios das séries *Lost* e *The 100*. Sobre esta última série, Javier se envolveu em uma polêmica, pois ele assinou o episódio em que Lexa – interpretada por Alysia Debnam Carey –, uma comandante lésbica, morre de forma ridícula. O falecimento dessa personagem repercutiu por toda a internet no ano de 2016 e a equipe de *The 100* tornou-se odiada pela comunidade LGBTQIA+.

criativas". Sua história pretendia deixar claro o envolvimento lésbico entre Xena e Gabrielle e seriam contratadas novas atrizes para representar as namoradas, porém o projeto foi rejeitado e engavetado.

Sendo assim, Xena é um ótimo exemplo para se observar como elementos da Antiguidade estão presentes nas produções audiovisuais e, conseqüentemente, no imaginário da população. As pessoas assistem e recebem essas informações, em uma relação interativa entre espectador e a obra, criando sentido e interpretando os signos expostos. Dessa forma, a Antiguidade entra no imaginário desse público específico como um período no qual era possível existir princesas guerreiras lésbicas – o que, na verdade, não há fontes para comprovar tal fato.

■ FONTE

XENA: The Warrior Princess. Dirigida e produzida por Robert Tapert e John Schulian. Nova Zelândia: Produtora Universal Studios, 1995.

■ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLETI, C. Xena: Produtores contam porque romance entre Xena e Gabrielle nunca aconteceu. In: *Observatório do Cinema*, 2016. Disponível em: <<https://observatorio-docinema.bol.uol.com.br/series-e-tv/2016/05/xena-produtores-contam-porque-romance-entre-xena-e-gabrielle-nunca-aconteceu>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

COLLIER, N. R.; LUMADUE, C. A.; WOOTEN, H. R. Buffy the Vampire Slayer and Xena: Warrior Princess: Reception of the Texts by a Sample of Lesbian Fans and Web Site Users. *Journal of Homosexuality*. ISSN: 1540-3602, 2009.

CORINO, L. *Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades*. Rio Grande: Biblos, 19-24, 2006.

FAJARDO, G. O mito das Amazonas. In: *HISPANISTA* – Vol XV I n°60, 2015.

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História – novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, pp. 199 – 215, 1995.

FISKE, J. *Television and culture*. London: Routledge. 1991.

GOMES, R. Teorias da Recepção, História e Interpretação de Filmes: Um Breve panorama. *Livro de Actas - 4º SOPCOM*. Aveiro, pp. 1141 – 1148, 2005.

JONES, S. *Histories, Fictions, and Xena: Warrior Princess*. Cardiff University: TELEVISION & NEW MEDIA, 2015.

LAHNI, C.; AUAD, D. Feminismo e direito à comunicação: lésbicas, bissexuais e transe-

xuais em série. *Laplage em Revista*, Sorocaba, vol.4, 2018.

LEITE, L. Homossexualidade feminina na Antiguidade? Ensaio em torno dos trabalhos de Sandra Boehringer. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, 2013.

LESSA, F. *O feminino na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2004.

MATA, G. As práticas “homossexuais femininas” na Antiguidade grega: uma análise da poesia de Safo de Lesbos (século VII a.c). *Aletheia – Revista de estudos sobre a Antiguidade e Medievo*, 2009.

OLIVEIRA, A. *As amazonas no imaginário literário/iconográfico da Ibero-América no século XVI*. Dourados: UFGD, 2016.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1989.

SPRIENGS, H.C.J.M. *Rewriting Xena: Warrior Princess: Resistance to representations of gender, ethnicity, class and sexuality in fanfiction*. Utrecht University, Faculty of Arts: English language and culture, 2007.

TARDIN, E.; BARRETO, L. Mulheres guerreiras: entre a história e a mitologia. *Revista TRANSFORMAR*, Itaperuna, 10ª edição, 2017.

TOLLEY, K. Xena, Warrior Princess, or Judith, Sexual Warrior? The search for a Liberating Image of Women’s Power in popular culture. *History of Education Quarterly*, Vol. 39, Cambridge University Press, 1999.